

Andarilha em desdobramento: a poética multimodal de Deisiane Barbosa

An Unfolding Wanderer: Deisiane Barbosa's Multimodal Poetics

Rubens da Cunha

<https://orcid.org/0009-0003-4337-3173>

Waleska R. de M. O. Martins

<https://orcid.org/0000-0001-9961-152X>

Viviane Ramos de Freitas

<https://orcid.org/0000-0001-9194-5672>

Resumo: Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, é uma pequena cidade com ar colonial e com uma arquitetura barroca que espirala as temporalidades. Resguarda mistérios ancestrais e contemporaneidades singulares. Cenário, lugar de pertencimento, urbe: cachoeiras de possibilidades. É a partir desse território de oferendas que a artista multissemiótica e escritora plural, Deisiane Barbosa, caminha para o extrapolamento das suas produções. Caminhante pelas fronteiras e errante entre as linguagens artísticas, a poeta oferece um ebó de percepções cotidianas, de olhares sensíveis ao corpo, à escrita, à oralidade, à performance. Amparada em uma rede, ora solitária, ora inundada por outras mulheres, Deisiane reverbera suas produções artísticas no entrelugar das linguagens e das concepções. Nesse caminho tortuoso e multifacetado, cujo/a andante se faz no processo do caminhar, o artigo se propõe a perambular pelas trilhas e pelas linguagens artísticas da Deisiane Barbosa, focalizando as produções de *Cartas a Tereza* e seus desdobramentos em vídeos-performances.

Palavras-chave: Literatura; Corpo; Performance; Escrita-andarilha; Multimodalidade.

Abstract: Cachoeira, in the Recôncavo region of Bahia, is a small town with a colonial feel and baroque architecture that spans temporalities. It harbors ancestral mysteries and unique contemporaneities. Scenery, a place of belonging, a city: waterfalls of possibilities. It is from this territory of offerings that the multi-semiotic artist and plural writer, Deisiane Barbosa, moves towards the extrapolation of her productions. Walking across borders and wandering around the edges of artistic languages, the poet offers an ebó of everyday perceptions, sensitive perspectives of the body, writing, orality and performance. Supported by a network, sometimes solitary, sometimes surrounded by other women, Deisiane reverberates her artistic productions between languages and conceptions. In this multifaceted and tortuous path, whose walker is made in the process of walking, the article proposes to wander along the trails and artistic languages of Deisiane Barbosa, focusing on the productions of *Cartas a Tereza* (Letters to Tereza) and their unfolding into video-performances.

Keywords: Literature; Body; Wandering-writing; Performance; Multimodality

(DES)CAMINHOS

Na essência do caminhar está o (des)encontro. Embora pensemos no caminhante que percorre estradas e outros caminhos mais citadinos, a escritora e intelectual mineira Conceição Evaristo (2021, p.121) nos adverte: “[n]em todo viandante/anda estradas,/há mundos submersos,/que só o silêncio/da poesia penetra.” Ancestral e atenta ao mundo da “cosmopercepção” (Oyěwùmí, 2021, p. 29), Conceição Evaristo, através da chave de análise da “escrevivência” (2007, p. 18) - que expande a própria ideia de memória, corpo e escrita, propõe outros caminhos: no caso, da poesia. Mas é bem verdade que todo/a errante também (des)constrói outras trilhas, atravessa outras fronteiras e entretece outras pontes.

Se pensarmos na ambivalente relação entre, por exemplo, cidade e caminhante, teremos variáveis que mudarão, de algum modo, o paradigma de percepção do/a observador/a. Se este/a caminha pela cidade investido/a de uma curiosidade infantil, que se abre e se entrega à urbe, desejoso/a de uma nova experiência - ao modo *flâneur* baudelairiano -, esse/a andarilho/a torna-se sinestésico/a e (res)significa os símbolos ofertados pelo lugar. Também é possível que esse/a caminhante estabeleça uma relação de desconfiança, de contemplação solitária e evanescente, cujo olhar, mesmo que conduzido pela curiosidade, pondera sobre, de maneira crítica, uma possível tensão entre a modernidade e as ruínas (ou casas adormecidas) - como o *flâneur* benjaminiano. De qualquer modo, há uma relação e vários caminhos entre o/a caminhante e a cidade. Toda essa configuração e/ou suas possibilidades relacionais também podem ser aplicadas, colocadas em dimensões mais complexas e avolumadas, quando se é um/a caminhante que pertence ao lugar.

Se entendermos que o/a caminhante possui diversas maneiras de experimentar e de se relacionar com o lugar (ou a cidade), é possível estabelecer que o modo de expressão desse território passa por um corpo, por uma percepção e, como é singular o ser e a sua experimentação das coisas, as linguagens artísticas (desejosas de explorar e expor as vivências do/no mundo), encontrarão o esfacelamento da urbes retilínea e uma implosão das paredes artísticas. O processo e a criação nas linguagens artísticas, então, movimentam-se numa “estética do inacabado” (Salles, 2004, p. 20), sempre em processo do acontecer, em metamorfose e desdobramento - como um palimpsesto, cujos rastros são

inapagáveis por completo. Nesse sentido, não importa tanto a obra em si, mas o (des)caminhar até ela e o andarilhar por ela.

Nesse sentido, no movimento errante das linguagens, na certeza que o processo e a caminhada importam mais do que a chegada da conclusão, este artigo propõe trilhar pelos (des)caminhos criativos da “artista-etc.” (Basbaum, 2013), andarilha semovente, nascida no Recôncavo da Bahia e pesquisadora Deisiane Barbosa. Essa “artista-etc”, como pontua Ricardo Basbaum (2013), estaria na encruzilhada das linguagens e das expressões artísticas, porque questiona, dentro do próprio processo criativo, as funções e as naturezas do artista. Para além de uma possível estratégia estética, ser um/a “artista-etc” é desdobrar-se em questionamentos, reconhecer o processo inacabado da arte e sua maleabilidade/pluralidade de linguagens. Sendo assim, “[o] ‘artista-etc.’ traz ainda para o primeiro plano conexões entre arte&vida (o “an- -artista” de Kaprow) e arte&comunidades, abrindo caminho para a rica e curiosa mistura entre singularidade e acaso, diferenças culturais e sociais, e o pensamento.” (Basbaum, 2013, p. 169). Nesse caminho transfronteiriço das camadas

artísticas, há, certamente, um influxo potente para olhar os desdobramentos dessa artista negra que vive os lugares (casa, cidade, corpo, escrita) e que explora a sensação das travessias, porque “[e]star à beira é uma condição que me atrai ~ inventar pontes. Aprecio as fronteiras, cruzá-las inúmeras vezes, pará e paracá, habitar o interstício, costurar suas bordas, depois desatar, ver o que fica, depois reatar e seguir tecendo.” (Barbosa, 2020, p. 11). No entanto, a errância pode nos levar por caminhos e trilhas sem voltas - ou com inúmeras voltas. Para não nos perdemos na rede da poeta-artista andarilha, cujos projetos artísticos são múltiplos e vivem se desdobrando, escolhemos para essa errância inicial o trabalho *Cartas a Tereza* e seu desdobramento em 8 vídeos-performances.

3

DEISIANE BARBOSA E O DESDOBRAMENTO ARTÍSTICO

Deisiane Barbosa é uma poeta e artista múltipla, que tem no caminhar, ou no “andarilhar”, a sua metáfora criativa. Desde 2012, vem experimentando um processo criativo multimodal, que se articula em diversas linguagens e

territórios.¹ Trata-se de uma artista em viagem, em processo e que está criando uma obra cujas características são o movimento, as idas e vindas, as palavras em trânsito, o corpo em diáspora². As andanças iniciaram na sua própria cidade, Cachoeira – BA, e avançaram para outras cidades da vizinhança: São Félix e Feira de Santana, Itaparica. Depois, com o início de seu mestrado, vasculhou caminhos de Olinda, Recife, Salgueiro e Serra Talhada em Pernambuco.

Parte substancial desse ato criativo está no trabalho *Cartas a Tereza*, um projeto poético, artístico e performático de longa duração. O nome *Tereza* surge em 2011: “Primeiro surgiu dentro de um conto fantástico (...) prossegui escrevendo cartas como um exercício de escrita e Tereza permaneceu como destinatário da minha correspondência”. (Barbosa, 2016, p. 9). A partir daí, nasce um projeto artístico que tem no ato - quase desusado de escrever cartas - o seu fundamento. Tereza se torna uma destinatária múltipla, fragmentada, que ora pode ser a avó da autora, ora uma das inúmeras mulheres que encontra pelos caminhos, ora uma invenção pura e simples, uma ideação que consegue ouvir memórias, apontamentos, catalogações da autora³

No começo da produção de *Cartas a Tereza*, Deisiane Barbosa explica seu processo criativo da seguinte forma:

Por muito tempo escrevi cartas sem obter qualquer resposta precisa. Embora chegasse pouco ou nenhum conteúdo em minha caixa postal, alguma certeza eu tinha de que as cartas remetidas a Tereza não se perdiam simplesmente. Passei a arriscar fragmentos dessa correspondência em caixas de correios localizadas em ruas por onde eu passava; deduzi que as cartas alcançavam alguma espécie de destinatário abstrato, anônimo, que se concretizava como tal ao rasgar

1 Nesse trabalho, vamos nos deter no período entre 2012 e 2022. Atualmente, a poeta está desenvolvendo outro projeto artístico: a construção de uma casa, o erguimento de paredes, tetos e telhados: a casamendoeira. <https://linktr.ee/casamendoeira>. No entanto, o movimento dos caminhos, do andar, continua de outras formas.

2 Luciane Ramos Silva explora os significados da diáspora como uma esfera de relação e movimento. Ela formulou o conceito de “corpo em diáspora” - um conceito e uma proposta pedagógica de dança desenvolvidos em sua tese de doutorado em Artes Cênicas/Dança (Silva, 2018). “Corpo em diáspora” é o resultado do seu engajamento na ampliação do campo crítico-prático que situa corpo, cultura e colonialidade a partir de uma perspectiva transversal que rompe com epistemologias hegemônicas e coloca em primeiro plano as relações Sul-Sul.

3 Outra das características desse trabalho é a associação que a autora faz entre seu processo criativo e a sua trajetória acadêmica: o trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, na Universidade Federal do Recôncavo intitulava-se *Cartas a Tereza: confluências de escritas, imagens e errâncias na cidade* (2016); a especialização em Literatura, na Universidade Estadual de Feira de Santana, intitulada *O LIVRO de águas: derivas e devires por entre mares e ilhas da Baía* (2018); a dissertação de mestrado em artes visuais, na Universidade Federal de Pernambuco, que se chamou *Inventário / da ilha \ de Tereza: cartografias de um livro devir* (2020). Atualmente, Deisiane Barbosa está no Doutorado em Artes Visuais, na Universidade Federal do Recôncavo do Bahia, com o projeto de pesquisa: *Corpo-livro-casa-etc: uma poética desdobrável para a criação do livro de artista casamendoeira*.

as bordas do envelope, ou recolher no batente da sua porta algum dos cartões-postais remetidos por mim. Isso, por si, já alimentava o meu impulso de escrita. (Barbosa, 2016, p. 9)

A partir de sua graduação em Artes Visuais, Deisiane organiza o processo com caminhadas, observações, conversas e olhares detalhados sobre o lugar. Todo esse caminhar e sentir foram configurando as Cartas a Tereza. Tudo numa “progressão sutil”, algo, “ligeiramente consecutivo, ligeiramente simultâneo” (Barbosa, 2016, p. 20).

Desde o começo, a poeta hibridiza as linguagens artísticas. Nasceram assim, a performance *A moça que desfiou*⁴; a videoarte *Os dias circulares*⁵; a videocarta *23 de janeiro* presente no projeto coletivo *(auto)lou.cu.ra*⁶; o método de vivência artística denominado *Erranciar* e o uso da lomografia como processo capaz de capturar os momentos, as experiências de cada cidade visitada; a publicação de uma série de cartões postais, intitulada *cartões-postais a Tereza/caixas de entrada*, aliando texto e fotografia (imagem 1).

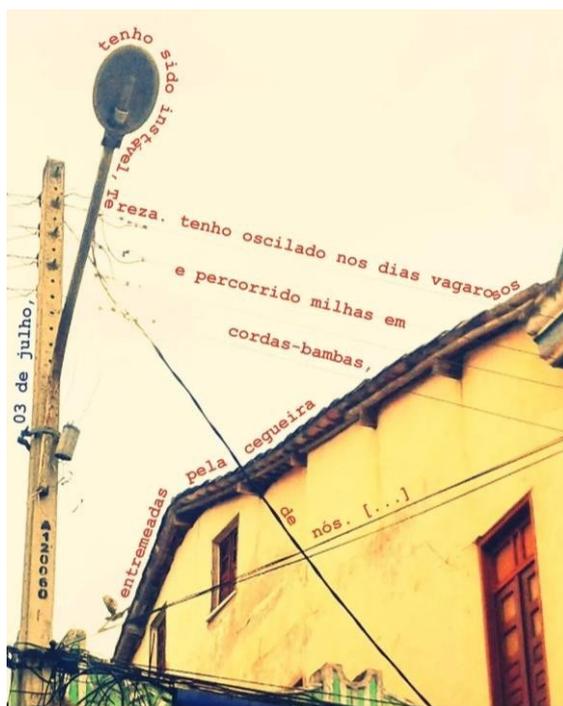


Imagem 1: Cartões postais a Tereza - 3 de julho⁷

4 Em 2013, essa performance participou do Salão de Artes Visuais de Feira de Santana (BA).

5 Disponível em <https://vimeo.com/10949783>. Acesso em 09 Jul 2024.

6 Projeto coletivo do curso de Artes Visuais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Em 2021, Deisiane revisita a carta, publicando-a na segunda edição de Cartas a Tereza. A poeta faz um outro vídeo com o texto dessa carta, que está disponível em <https://vimeo.com/535976276>. Abordaremos essa segunda edição e a sua releitura em audiovisual mais adiante.

7 Disponível em <https://cartasaatereza.wordpress.com/producoes/postais/>. Acesso em 9 Jul 2024.

Nesse período, também houve a intervenção urbana/instalação *Cadê Tereza?* ocorrida em Feira de Santana – BA. No final de 2015, a intervenção urbana com a série dos *(dezoito) cartões-postais à Tereza / Cachoeira*, fez parte da exposição coletiva *Confluências*, ocorrida no Espaço Cultural Hansen Bahia, na cidade natal de Deisiane, Cachoeira. Nessa mesma exposição, Deisiane catalogou diversos perfis, ora reais, ora inventados e os expôs em fichas sobre uma mesa. Além disso, a poeta também abriu a possibilidade para que as pessoas, que vissem a exposição, pudessem escrever as e às suas Terezas. Em 2015, houve uma edição independente de 100 exemplares de *cartas a Tereza: fragmentos de uma correspondência incompleta*. A partir dessa experiência, Deisiane Barbosa inicia outra frente em seu trabalho, a de editora de livros artesanais, ou livros de artista. Posteriormente, haveria a criação da Andarilha Edições, especializada em pequenas tiragens de livros feitos à mão. Entre 2017 e 2019, período do mestrado no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco, Deisiane Barbosa, agora uma “artista-etc” (Basbaum, 2013), saiu do Recôncavo e foi fazer caminhos em outras paragens. A poeta passou pelas cidades de Olinda, Recife, Salgueiro e Serra Talhada, em Pernambuco. A dissertação *inventário / da ilha \ de Tereza: cartografias de um livro devir* aprofunda a pesquisa como “uma cartografia de percursos criativos do ‘inventário / da ilha \ de Tereza’, um livro em processo que se expande da escrita literária à produção de narrativas poéticas em performance e vídeo.” (Barbosa, 2020, p. 7). Como não poderia ser diferente em Deisiane, sua dissertação também transita entre as fronteiras de gêneros, ou de ilhas, pois é chamada por ela de “livro-arquipélago”. Além disso, parte dessa pesquisa se tornou uma instalação que foi exposta na *Tramações 2 – Cultura Visual, Gênero e Sexualidades*, na UFPE, em Recife, em 2018. Em 2021, *Cartas a Tereza* ganha uma segunda edição, revista, ampliada, primeiro em *e-book* e depois numa versão impressa e costurada pela Andarilha Edições. Além disso, foram produzidos também oito vídeo-performances a partir das cartas dessa segunda edição. Neste presente texto, nos deteremos mais detalhadamente sobre esse trabalho, digamos, final do projeto artístico poético de *Cartas a Tereza*.

AS TEREZAS DE DEISIANE

“Tereza, eu bem que tento tocar a cidade com a palma nua e o peito descalço, mas é tanta ardência e em mim já flameja saudade incurável.” diz uma das cartas de Deisiane Barbosa (2019, p. 121). Desde que começou o projeto artístico-poético em torno dessa imagem chamada Tereza, Deisiane fez sua escrita ser constituída por essas tentativas de reconhecer as ruas, os bairros, as cidades e as possíveis Terezas que também andam por esses lugares. Tal busca ocorre com esse “peito descalço”, em que a autora imagina destinatárias para seus escritos, remete palavras a esmo, mas não espera respostas (talvez já as tenha dentro de si?). Por outro lado, há um véu, uma veste que impede a visão total, a entrega total, essa “saudade incurável” que acompanha quem anda, quem passa pelos lugares e sabe que não pode levá-los consigo e nem ficar por ali, pois o destino, a sanha é o caminhar. Talvez, por isso, fragmentos, pedaços de cartas, de textos, de imagens perguntantes como: “Tereza, onde estão as histórias que não se contaram?” (Barbosa, 2019, p. 122); “O que tanto tenho buscado além do deserto?” (Barbosa, 2021⁸) ou “Como seria habitar uma casa sem teto, Tereza?” – são o que movem a poética de Deisiane Barbosa.

Didi Huberman (2012) nos propõe uma imagem que vá além da crença ou da tautologia, mas que seja uma imagem crítica, que a imagem seja um desdobramento em pensamento e memória, ou seja, uma imagem que arde. A imagem iria além de um “simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis” (p. 216). A imagem arde com o real, pelo desejo que a anima, pela destruição, pelo resplendor, pelo seu intempestivo movimento, por sua audácia, pela dor, e também pela memória, “quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo.” (Didi-Huberman, 2012, p. 216). O trabalho artístico de Deisiane pode ser visto como a produção de uma imagem crítica, porque seu ato criativo nos interroga, por vezes quer uma resposta, por vezes apenas diz o que tem que dizer e parte: “quando a minha casa enfim ruir, partirei para bem longe, Tereza. será somente o tempo de ver a poeira assentando. não

⁸ Por se tratar de um livro de artista, costurado numa edição artesanal, não há numeração de páginas nas cartas.

ficarei para revirar destroços. procurarei lugar onde erguer outras paredes, outras janelas” (Barbosa, 2021).

Ao mesmo tempo, esse trabalho altera, modifica quem aventa uma resposta, quem olha essas imagens e, também, é olhado por elas. Quando se chega mais perto dessas imagens poéticas, é possível perceber que a sua ardência também modifica a própria autora, que, não raro, se coloca nesse lugar de estranhamento, de ardor, de busca por um lugar, por um abrigo mais permanente: “preciso buscar um novo abrigo. Sorte de quem tem uma varanda tranquila e um quintal de árvores incansáveis”. (Barbosa, 2021). No fundo, ao que parece, Tereza (para além de personagem e/ou alter ego) se torna essa busca tensiva entre mudança e permanência, entre o desejo de caminhar permanentemente e a sanha em erguer um abrigo. Suas Terezas, palimpsestos de Deisiane, também se multiplicam como imagens de um espelho despedaçado.

O trabalho poético-imagético de Deisiane é uma imagem que tem vocação para a (sobre)vivência, pois, entre tantos enfrentamentos, ela subverte a lógica mercantil da produção e distribuição do texto literário, trata-o como um objeto-corpo a ser entregue pessoalmente às Terezas que ela encontra pelo caminho. A cada uma delas faz perguntas: “por onde anda Tereza aqui neste punhado de terra? quais as ruas por onde caminha, quais casas abrigam o seu mistério?” (Barbosa, 2016b). Na busca interrogante, a poeta andarilha etc também estabelece quem possa ser Tereza: “é, por si, a própria metamorfose, mulher múltipla, incansável, de braços larguíssimos. Na primeira notícia do seu paradeiro, lá vou eu na aventura de procurá-la” (Barbosa, 2016c). Dessa forma, Tereza não é apenas uma espécie de desejo, de pote embaixo do arco-íris que se é buscado incansavelmente. Tereza, na obra de Deisiane Barbosa, seria como esse corpo-território que habita as cidades por onde a poeta caminha. Mas é também seu próprio corpo, sua casa-desejo em construção:

Sobre minha casa, ela está dentro de mim, intacta (no sentido de ‘preservada’, mas diferente de imóvel, ela é dinâmica). carrego comigo todo dia, de fato, como uma nômade. sou assim desde criança e nasci para isso, eu acho. esqueceu que o meu nome é Tereza Dias-Ligeiros? eu sou mesmo essa pessoa andarilha. mas acho que um dia – em breve, talvez – eu construa uma casa minha, de carne e osso, onde eu possa pintar com a alma que tem por dentro de mim. sei que não vou conseguir em totalidade (Barbosa, 2016c)

Deisiane, nesse sentido, propõe uma casa-caramujo⁹. Uma morada de suas ancestralidades, da sua infância, das suas personalidades - nunca inerte, mas em constante transmutação. Trata-se de uma procura contínua que, cujo processo, Deisiane, sempre híbrida, explica poeticamente e academicamente: “Tornei-me andarilha. Caminhar seria o meio mais dinâmico à minha composição de repertório poético. [...] O jogo de caminhar é procura”. Assim, a sua procura no “processo criativo de caráter autoficcional, se realiza na ação da personagem andarilha em busca de narrativas e narrações”. (Barbosa, 2019, p. 123-124).

Além disso, em um de seus diários de bordo, a poeta anota:

O fato é: ando procurando por uma Tereza e então encontro diversas; passo a procurar por várias, na expectativa de me encontrar com cada uma delas. Terezas Cristinas, Marias Teresas, Terezinhas... vou atrás de suas histórias, remonto seus paradeiros: onde vivem, onde se fazem, onde são Terezas para si e para ou outros, que a saúdam pelo nome de batismo? (Barbosa, 2015a)

Por outro lado, a resistência presente na imagem crítica que arde no trabalho de Deisiane é também uma resistência ao epistemicídio, instrumento muito eficiente e duradouro de dominação étnico-racial, que deslegitima filosofias, estéticas, artes de determinados grupos, negando-lhes o papel de sujeitos produtores de conhecimento. O processo colonial foi muito profícuo nisso: manter a voz dos/as subalternizados/as limitada àqueles espaços mínimos que lhes cabiam. Todo esse andar contemporâneo que avança sobre territórios periféricos, toda essa busca por Terezas tantas que possam dar conta das diásporas, dos enfrentamentos, dos encantamentos frente à poesia, fazem parte da poética híbrida e flamejante de Deisiane. Numa dessas experiências, ela parou em Salgueiro - PE, numa comunidade quilombola chamada Conceição das Crioulas. No texto “Levantes Poéticos: Terezas tecem Terezas/Conceição das Crioulas”, Deisiane narra esse encontro:

Em Conceição das Crioulas vivencio uma espécie peculiar de insularidade, envolvida numa essência de rede já bastante familiar para mim. A comunidade quilombola que visito é uma ilhamulher cercada de serras, muito sol, muito vento e história. (Barbosa, 2019, p. 227)

⁹ Trata-se de uma aproximação poética entre a concepção de morada de Deisiane e o poema Uma didática da invenção, no *Livro das ignoranças* (2016), do poeta matogrossense Manoel de Barros.

Embrenhada no sertão pernambucano, ouve outras mulheres, reconhece seus caminharas - “aqui em Conceição ainda se caminha longas distâncias para se chegar aos lugares” (Barbosa, 2019, p. 229) - pela memória, pelas lutas e enfrentamentos, reconhece-se a si mesma e entende mais um pouco seu projeto poético, o amplia agora com outras Terezas - talvez, agora, não tão inventadas como antes, mas presentes ali em carne, osso, fala e escuta, misto de força, alegria e lamento. Deisiane, narra: “Busco inventar(iar) uma ilha onde habitam femininos. Ilha-nau onde acontece toda cor de poesia. Tereza são mulheres rodeadas por águas, ao mesmo tempo que a própria ilha navegante” (Barbosa, 2019, p. 232). Além disso, a poeta propôs para as mulheres da comunidade o que chama de “levantes poéticos”, uma atividade que reúne “mulheres para uma vivência e criação poética, pautadas nas partilhas de memórias / fação de narrativas de si.” (Barbosa, 2019, p. 233). Tais mulheres, para Deisiane, não são ilhas imóveis e isoladas, mas naus que percorrem, mesmo vivenciando seus “(des)limitados” lugares, viajam em sabedorias ancestrais; são “marinheiras no mundo”¹⁰. Esse movimento errante, de navegar por entre-ilhas, em mundos profundos e percepções complexas, no entanto, insta a provisória permanência: eis que surgem os desdobramentos dessas experiências de Deisiane Barbosa em vídeos-performances.

10

A LINGUAGEM MULTIMODAL DA “ARTISTA-ETC.”

Passado algum tempo, depois de inúmeras andanças fora do Recôncavo Baiano, em 2021, Deisiane tem um projeto aprovado na Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (via Lei Aldir Blanc), e faz uma reedição revista e ampliada de *Cartas a Tereza*, primeiro em *e-book* e depois numa edição impressa artesanalmente por sua já estabelecida editora Andarilha Edições. Além disso, o projeto se desdobra na criação de 8 vídeos-performances.

Numa reflexão sobre o processo criativo do vídeo-poema-performance-intervenção urbana, “o sonho puído”, Deisiane elabora sobre as possibilidades

¹⁰ Título de uma coletânea de crônicas da escritora Ruth Guimarães, organizada por seus filhos e publicada em 2023.

envolvidas nos processos de criação, mediação e recepção a partir da utilização da ferramenta vídeo. As noções de um “campo ampliado” e de um “poema expandido” refletem o movimento de deslocamento do poema dos seus suportes tradicionais para abraçar outras estéticas. A imagem de um “livro mutante” aponta para as potencialidades forjadas por essa ferramenta:

Eu poderia fazer o poema somente utilizando o meu corpo e convidando outras mulheres a também inscrevê-los. No entanto, considerei que usufruir da ferramenta vídeo me possibilitaria ampliar a textura dessa narrativa, dar um tratamento ao conjunto de visualidades tramadas e, principalmente, me permitiria andarilhar com esse material, torná-lo página de livro mutante compartilhável, que circularia por outros contextos, apresentando-os às diversas leituras. E foi o que sucedeu a partir de novas intervenções, quando circulei com a narrativa por eventos e mostras (Barbosa, 2020, p. 132)

Assim, desdobrar-se em outras linguagens artísticas várias é recorrente no trabalho de Deisiane Barbosa: “Assumo determinada narrativa poética como poema expandido porque, de fato, desponta como texto-palavra-escrita, narrativa ficcional, mas vai elaborando-se num fora, conversando com outras materialidades, solicitando outros tratamentos” (Barbosa, 2020, p.132). Trata-se de um caminho artístico e teórico que fundamenta a sua criação artística, pois para ela “torna-se inviável escolher uma categoria que resuma tão bem sua indefinição e até suas várias pontas soltas” então, Deisiane mergulha o “corpotodo no risco de labutar justamente com duas linguagens, por si, tão contaminadas ~ a performance e a videoarte”. (Barbosa, 2020, p. 132)

Esse mergulhar o “corpotodo” acontece novamente numa série de vídeoartes produzidas em 2021. De acordo com a professora e performer Maria Beatriz de Medeiros (2005, p. 142), “o significado de uma performance depende de um reconhecimento de si no outro.” São muitas as possibilidades que envolvem imagens, sons, textos numa produção como essas. A segunda edição de *Cartas a Tereza* é composta por 19 cartas. Deisiane escolheu oito cartas para fazer essa “labuta” entre linguagens, tornando-as vídeo-performances. Se observarmos as temáticas escolhidas das cartas que foram desdobradas em audiovisual, notamos uma predominância da ideia de viagem, de mudança, de fluxo contínuo, algo que faz parte do projeto estético e teórico de Deisiane Barbosa, mas a experiência audiovisual tem a centralidade no corpo e na voz de Deisiane através do ato de ler e de escrever. Há também uma centralidade numa

casa em ruína, mas com algum indício de reconstrução¹¹. Nesse “[m]ergulho corpotodo”, a poeta experimenta linguagens sinestésicas e multissemióticas, que ampliam o corpo, a escrita, a casa, o vídeo e a própria performance.

A performance que Deisiane registra em seus vídeos são conexões ancestrais, cujas memórias se emaranham com os tempos do presente, passado e futuro. São performances que nos convidam ao que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015) chama de “pedagogia do ver”. Para ele, é preciso que a sociedade atual aprenda, ou seja educada - no sentido pedagógico -, a “[...] ‘habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-se-de-si’, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento.” (Han, 2015, p. 28). Nesse sentido, a poeta Deisiane nos convida à contemplação das temporalidades, das ruínas que se (des)constroem com o tempo fugidio. Contudo, esse ver não tem nada de passivo.

Na carta “18 de agosto”, a narradora fala para Tereza sobre o sonho com outras casas: “anoiteci num deserto de casas distantes. estive à deriva, à procura. fechava os olhos para ver as casas ~ só assim para enxergá-las com maior precisão.” (Barbosa, 2021). Há o desejo de mudança, de sair dessa situação de caminhar “o mesmo círculo”, para buscar “um vértice rumo a outro lugar” (Barbosa, 2021). Esse estar parado, fixado a um lugar, é como estar num deserto circular, por isso a narradora olha para os rios: “os rios são arestas em longas distâncias / linhas sinuosas independentes que orientam uma longa viagem. antes de renascer ~ se é que de fato torna brotar dum olho aguado ~ os rios percorrem um mundo inteiro, sedentos” (Barbosa, 2021). “Para os bichos e rios nascer já é caminhar” nos avisa João Cabral de Melo Neto (1997, p. 89) e, assim, fomentada no desejo de movimento, a narradora dessa carta sonha o caminho, o andar, mas se vê presa em seu deserto circular: “era apenas eu no centro do círculo... era somente eu. o deserto. a sede” (Barbosa, 2021). No fim da carta, a constatação de permanência “seria eu e os dias circulares”, mas uma vontade olfativa e esperançosa de que um dia haverá uma navegação: “certamente as narinas iriam embriagar em qualquer rastro de maresia que trafegasse o meu barco de fios” (Barbosa, 2021).

¹¹ Trata-se do atual projeto artístico de Deisiane Barbosa, a *casaamendoeira*. A reconstrução da antiga casa de seus avós, transformando-a num espaço cultural para exposições e residência artística. Além disso, houve a publicação do livro *casaamendoeira* (2023) e o início do doutorado de Deisiane Barbosa com o projeto de pesquisa *Corpo-livro-casa-etc: uma poética desdobrável para a criação do livro de artista “casamendoeira”*, em curso no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Ao desdobrar essa carta em uma performance audiovisual, Deisiane Barbosa coloca uma cama fora de casa, cobre-a com um mosquiteiro e deita-se, olhando para a antiga casa ao fundo. A voz em *off* de Deisiane narra a carta, enquanto a ação desenrola-se sobre essa cama deslocada de seu local.



Vídeo-performance “18 de agosto”. Disponível em: <https://vimeo.com/535976076>.

13

O tom onírico da performance acontece na transposição entre filmar de fora e filmar de dentro do mosquiteiro. Visto de fora, o mundo criado por Deisiane é uma névoa, uma opacidade sutil. Quando entramos nesse mundo, vemos com mais clareza o que lá dentro acontece, então é o mundo externo que se torna opaco, indefinido: o céu, a árvore, a casa ao fundo tornam-se, por sua vez, a opacidade.



Vídeo-performance “18 de agosto”. Disponível em: <https://vimeo.com/535976076>.

Ao contrário do império da transparência - que tudo expõe, padroniza e rompe com o íntimo -, Deisiane provoca a opacidade e deseja o olhar demorado, um tempo para que o/a espectador/a observe seus mundos, temporalidades, a imagem e a escrita. No livro *Sociedade da transparência* (2017), Byung-Chul Han nos alerta para o excesso do transparente e sinaliza que “[a]s imagens tornam-se transparentes quando, despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda profundidade hermenêutica, de todo sentido, tornam-se pornográficas, que é o *contato* imediato entre imagem e olho.” (p. 11). A poeta Deisiane, nesse sentido, coloca potência performática nas suas imagens nebulosas - carentes (ou não) de definição. Num processo de procura e de reconhecimento, a opacidade instiga a participação e/ou a continuidade, e nada se desvela por completo. A revelação acontece no contato com o/a outro/a, numa troca silenciosa de olhares.

A colcha que cobre a cama é feita de retalhos e em muitos deles estão palavras, versos, constituindo-se um poema visual, sobre o qual Deisiane sonha seus traçados de rios, o fim de seus dias circulares. Entrevemos frases como “em algum lugar do continente africano”, “Luanda, Angola”, “também vou”, que remetem às conexões ancestrais da autora, mas também suas andanças atuais. Posteriormente, o véu sobre a cama sai de cena. A performance não é mais a do sonho, mas a da costura, do entrelaçar os desejos de mudança. Deisiane, sentada sobre a cama, agora “uma canoa dos meus próprios recursos” (Barbosa, 2021), amarra retalhos formando uma corda, um fio de Ariadne que poderá retirá-

la da fixidez labiríntica. Há um passeio da câmera sobre outros trechos da colcha poema, quando lemos “aprender a cos-tu-rar”, “ir para a lua”, por fim, por trás do poá do mosquito, vemos o corpo da poeta se afastando lentamente, enquanto sua voz questiona: “o que tanto tenho buscado além do deserto?” A vídeo-performance termina na mesma aura onírica em que começou, mas dessa vez com o corpo em movimento, buscando vazar “as marés de dentro” (Barbosa, 2021).

Ainda mantendo a temática do desejo de morar em outras casas, a carta “8 de abril” também foi desdobrada em vídeo-performance. A atmosfera onírica continua, mas dessa vez é noturna:

[...] uma flauta doce de hora em hora atravessa a noite. interruptores delatam a inconstância do sono, os sonhos perdidos em cada cômodo. passada a tranca na porta da frente, tudo se abriga, quase tudo se acomoda. atônita, contemplo o canto anônimo duma flauta. (Barbosa, 2021)

A partir daí, uma série de ações de leitura e escrita são elencadas como elementos de distração. Mas a “flauta fantasmagórica” permanece sobrepondo-se à rotina noturna da casa. Apesar de estar entranhada nessa casa noturna, a narradora informa a Tereza o seu desejo de outras casas: “tenho procurado um abrigo, Tereza. ainda sem coordenada precisa do meu paradeiro, tenho vislumbrado varandas alheias, repintado imaginariamente algumas paredes, apropriado algumas fachadas passageiras”. (Barbosa, 2021). Deisiane, ao que parece, deseja uma morada, um abrigo que acolha suas reminiscências, suas errâncias, suas incertezas. A poeta deseja a segurança de um pequeno mundo que se revela nas paredes e nas varandas da casa. É desejosa por criar raízes em solo (re)conhecido.

Na vídeo-performance, Deisiane lê a carta sentada, numa entre-luz que a ilumina diagonalmente. Num jogo de montagem, são sobrepostas à imagem dela sentada, uma imagem entrecortada por uma tela de arame, uma árvore, um vento, um resquício de dia e céu e Deisiane Barbosa, ou a sombra de Deisiane Barbosa, dançando.



Vídeo-performance “18 de agosto”. Disponível em: <https://vimeo.com/535976076>.

A atmosfera noturna contrasta com a delicadeza solar da voz de Deisiane Barbosa. A delicadeza pode ser pensada como um vidro: algo pleno de fragilidade e dureza, algo que o tato não penetra, não atravessa. Algo que, apesar da força, se quebra muito fácil, muito rápido. Na essência da delicadeza está uma combinação de resistência e precariedade, mas é esse equilíbrio raro que faz com que a delicadeza possa enfrentar a brutalidade e a vulgaridade. (Perniola, p.108). Contudo, a obscuridade acende o fascínio do mistério e compõe, ou talvez impulse, o desejo pelo desvelar completo. Há, de certa forma, uma leveza complexa e ambivalente na composição estética dos vídeos-performances de Deisiane. Essa leveza, que em nada contrasta com a força do peso, é potência geradora de diferenciação do mundo - não à toa Ítalo Calvino inicia suas *Seis propostas para o próximo milênio* (1990) pela leveza e a coloca como determinada e não aleatória. Essa potência geradora, tão próxima da delicadeza, é um deslocar constante, não se acomoda, perambula pelo entrelugar das coisas - errante num processo de *Gesto inacabado* (Salles, 2004). A delicadeza das performances de Deisiane Barbosa se dá nesses contrastes em que ela cria seus trabalhos, sempre em dobras: o texto, a edição artesanal, a performance da leitura, a visualidade advinda pelos recursos da montagem. Tudo para compor esse lugar em que a força de se saber uma “andarilha de cartografias insólitas” é uma forma de enfrentar esse lugar que a fixa, que a torna sedentária, que a coloca sempre nesse jogo delicado de fragilidade e dureza:

[...] percorro quilometragem repisada nos cômodos cada vez mais cheios de eco. percorro, quando me levanto à procura, em pretexto das necessidades mais urgentes, e não as encontro. ou quando, por exemplo, perco-me de um livro que já segue encaixotado, na bagagem à espera do caminhão talvez chegando. a propósito, o que de mim fui deixando criptografado nas páginas que me leram? já não lembro, Tereza... (Barbosa, 2021)

Se nas cartas anteriores, a mudança era construída no sonho, ou no enfrentamento à fixidez da casa, na carta “09 de novembro”, já na abertura, a mudança é assertivamente anunciada: “estou de mudança, Tereza” (Barbosa, 2021). A partir daí vem o relato sobre as coisas guardadas e embrulhadas há quase um mês; todo o trabalho que a decisão da mudança gera: “ajunto o pó que restou das telhas enquanto espero o caminhão chegar, arrasto os móveis, repinto as paredes de olhos marejados.” (Barbosa, 2021). Além disso, também é contado a Tereza o caos da dúvida, da incerteza, quando se toma a decisão de partir: “ir. mas não saber paraonde”; “já pensou como seria habitar uma casa sem teto, Tereza?”, “seria esse o meu destino? abandonar a casa gasta, vibrando sozinha as raspas de seus últimos ecos?” (Barbosa, 2021).

17



Vídeo-performance “9 de novembro”. Disponível em: <https://vimeo.com/535975720>.

Na vídeo-performance, no plano inicial, Deisiane Barbosa aparece sobre uma escada, acariciando as telhas da velha casa. Depois, com as telhas no chão, a ação performática é o ato de limpar, organizar e guardar as telhas,

enquanto a voz em *off* lê as cartas. Uma imagem tríptica surge e a mesma ação acontece em tempos diferentes.

Essa tentativa de organizar a ruína antes da partida, esse delicado jogo de montagem que embaralha, repete, sobrepõe o tempo, conecta-nos sobremaneira à proposta estética de Deisiane. Nas suas produções, a poeta expande o campo das linguagens artísticas e propõe um desgarramento das bases fundamentais das artes (Cota, 2019). Nesse desbordamento das fronteiras, Deisiane também provoca nossa participação no processo. Ela transforma-nos em Terezas interessadas em ajudar a limpar as telhas que se salvaram, a organizar os cacos das que se quebraram, além de ouvir e responder as perguntas existenciais de Deisiane (2021): “para quê a mudança? para onde espero devagar? em qual refúgio cúbico amansarei as angústias? Depois de organizar as telhas, de quebrar o tempo em três, Deisiane aparece varrendo todo o cômodo, amontoando folhas secas, organizando a partida e termina a limpeza dizendo: “procuro um novo endereço, enquanto persiste a espera vagarosa do caminhão que nunca chega, procuro uma alvenaria capaz de desaguar minhas futuras chuvas” (Barbosa, 2021).

Na carta “23 de janeiro” a necessidade de viajar é manifesta de maneira ainda mais contundente, mas também há o aviso de que para partir é necessário deixar o lugar de onde se vai organizado, sem desordem: “é que não sei partir em desordem. simplesmente partir. largando tudo revirado - seguir com tudo revirado no avesso” (Barbosa, 2021). O caminhão ainda está vindo, mas dessa vez o desejo de “desertar / derivar” é cada vez mais premente. Nem que seja uma viagem breve, nem que haja um retorno logo a esse ponto de partida, a essa ruína inicial:

[] renascer este corpo de abrigar grandes ventres, repovoar afetos de uma casa ainda mais remota que esta, lembrar a mata reencarnada no telhado, reinventar a placenta de uma amendoeira ainda fértil, assentando no quintal a infância de uma grande mãe.

mas agora, preciso viajar, Tereza. (Barbosa, 2021)

Para essa vídeo-performance, Deisiane, num cômodo vazio da antiga casa, escreve a giz nas paredes e no chão. Dessa vez, o poema é efêmero, frágil, fragmentado como as palavras quebradas que a poeta desenha: “deri var”, “mar

ejar” ‘re po voar”. As pedras que compõem essa parede ancestral também recebem o risco de giz, num traço-rio que atravessa a história, a memória, a poesia da casa que se esvazia. O contraste entre a perenidade e a ancestralidade da casa com a escrita singela do giz provocam aquilo que Edouard Glissant (2014, p. 22) chama de “pensamento-tremor”: Trata-se de “um pensamento que surge em toda parte, músicas e formas sugeridas pelos povos. Músicas suaves e lentas, pesadas e percucientes. Beleza, grito aberto. Ele nos preserva dos pensamentos de sistema e dos sistemas de pensamento.” (Glissant, 2014, p. 22). É um pensamento que se desdobra em memórias, linguagens artísticas, presentes, passados e futuros, ou ainda um pensamento da errância, para usar outro conceito de Glissant: o errante busca conhecer a totalidade do mundo, mas sabe que não conseguirá e sabe que é nisso que reside a beleza ameaçada do mundo. O errante não é o viajante, o descobridor, o conquistador, mas alguém que questiona o decreto universal que resume o mundo em uma evidência transparente, com sentido e finalidade. O errante mergulha na opacidade do mundo a que tem acesso (Glissant, 2017). Ser errante é o desejo manifesto nas cartas, assim, nessa performance, Deisiane retira da escrita suas vontades de permanência, coloca-a por todos espaços vazios, para depois, jogar água sobre ela, fazer afundá-la na limpeza da viagem, da mudança, fazê-la apenas memória, oralidade, fala solta no tempo, para mais tarde voltarem a ser escritas novamente, em outro processo criativo, em outra mudança, em outra viagem.

19



Vídeo-performance “23 de janeiro”. Disponível em: <https://vimeo.com/535975720>.

CAMINHANDO PARA O (DES)FINAL

Na segunda edição de *Cartas a Tereza*, a última carta, intitulada 13 de maio, é apenas um bilhete: “tudo passará, Tereza ~ não sei se faço disso a minha paz ou o meu desespero maior...” Para uma artista cujo processo criativo é a errância, a mudança, o movimento, o desdobramento de uma ideia ou conceito diversas linguagens, esse axioma de que tudo passará e que, a partir disso, resta a escolha entre dois opostos: fazer da inconstância, do efêmero, do trânsito do tempo uma paz ou um desespero. Ciente dessa dualidade, a artista segue criando, produzindo, multifacetando seu trabalho. Assim, seguindo as trilhas e os os rastros deixados pelas errâncias da artista andarilha, este trabalho lançou-se ao propósito de identificar as filiações entre textos, imagens e sons, através dos processos contínuos de criação, mediação e recepção, envolvidos no projeto artístico *Cartas a Tereza*.

A trajetória artística de Deisiane Barbosa aponta caminhos para a abordagem de formas contra-hegemônicas de escrita, que colocam em evidência o corpo e formas corporificadas de inscrição, a relação entre performance e escrita. De diferentes maneiras, o projeto artístico *Cartas a Tereza* lança luz sobre as possibilidades de uma noção expandida de literatura ao colocar a escrita literária em suas relações com o corpo e com uma multiplicidade de linguagens artísticas. Desse modo, esperamos contribuir com os estudos que se debruçam sobre a interlocução da literatura e outras artes, e abrir sendas para investigar a maneira pela qual os textos, num amplo sentido, de autoria feminina negra, se inscrevem por formas contra-hegemônicas de escrita, e como essas formas afetam e são afetadas pelas condições materiais e sociais.

20

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Deisiane. *Inventário / da ilha \ de Tereza*: cartografias de um livro devir. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

BARBOSA, Deisiane. 20 Terezas inesperadamente esperam. 14/07/2015a. Disponível em <https://cartasaatereza.wordpress.com/2015/07/14/20-terezas-inesperadamente-esperam/#more-230>. Acesso em 11/07/2024.

BARBOSA, Deisiane. *Cartas a Tereza: confluências entre escritas, imagens e errâncias na cidade*. Trabalho de Conclusão de Curso. Artes Visuais. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, 2016.

BARBOSA, Deisiane. *Cadê Tereza?* 20/10/2016b. Disponível em <https://cartasaatereza.wordpress.com/2016/10/20/cade-tereza/> Acesso em 11/07/2024.

BARBOSA, Deisiane. *25 de Julho*. 25/07/2016c. Disponível em <https://cartasaatereza.wordpress.com/2016/07/25/25-de-julho/> Acesso em 11/07/2024.

BARBOSA, Deisiane. Para Tereza, uma carta enquanto caminho. In: BORRE, Luciana (org). *Tramações* (2ª edição): sobre a visualidade em queda. Recife: EdUFPE, 2019. Disponível em <http://www.ccta.ufpb.br/ppgav/contents/menu/institucional/publicacoes>. Acesso em 04/05/2020.

BARBOSA, Deisiane. Levantes Poéticos: Terezas tecem Terezas / Conceição das Crioulas. In: BORRE, Luciana (org). *Tramações: sobre a visualidade em queda*. 2. ed. Recife: EdUFPE, 2019. Disponível em <http://www.ccta.ufpb.br/ppgav/contents/menu/institucional/publicacoes>. Acesso em 04/05/2020

BASBAUM, Ricardo Roclaw. *Manual do artista-etc*. 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

COTA, Débora. Campo expandido em abordagens do literário. *Organon*, Porto Alegre, v. 34, n. 67, p. 1–16, 2019. DOI: 10.22456/2238-8915.96698. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/96698>. Acesso em: 20 jul. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Pós: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG*. v. 2, n. 4, p. 204-219, nov 2012. Disponível em <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60> Acesso em 11/07/2024

EVARISTO, Conceição. Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021. GLISSANT, E. *O pensamento do tremor – la cohée du Lamentin*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.

GLISSANT, Édouard. *O pensamento tremor - la cohée du lamentin*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard / EdUFJF, 2014.

GLISSANT, Édouard. *Poética de la relación*. Trad. Senda Inés Sferco y Ana Paula Penchaszadeh. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobocó, 2021.

NETO, João Cabral de Melo. *Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1920.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PERNIOLA, Mario. *Desgostos – novas tendências estéticas*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Florianópolis: Edufsc, 2010.

SILVA, Luciane Ramos. *Corpo em diáspora: colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SALLES, Cecília A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 2. ed. São Paulo: Annablumme, 2004.

Enviado em: 25 de março de 2024

Aprovado em: 31 de julho de 2024